

A110.544

ORLANDO CALIMAN



Avanços em conhecimentos, inovação e desenvolvimento tecnológico têm evidenciado que o ciclo do petróleo poderá se alongar

Alongamento do ciclo do petróleo

Há muito tempo se vem falando da proximidade do fim do ciclo de vida do petróleo enquanto fonte hegemônica de energia alimentadora do crescimento da economia mundial e também de sustentação do modo de vida que se transformou em padrão no planeta terra. Afinal, quem não tem ou pelo menos deseja ter um automóvel, ou precisa de se valer de alguma modalidade de transporte para se locomover de um lugar a outro? Como também quem hoje não aprecia ter acesso a uma infinidade de produtos e serviços que de alguma forma estão ligados a esse recurso natural de origem fóssil?

Sobre a finitude desse recurso acreditamos não haver dúvidas. Em algum momento, não sabemos quando nem como, o petróleo deixará de ser a quase unânime e exclusiva fonte de energia para movimentar o mundo. Em previsões mais catastróficas, principalmente surgidas no início da década de 70 com o primeiro choque do petróleo, o mundo

do petróleo já não existiria mais. O mundo seria diferente do que é hoje. Mas, por sorte ou destino, avanços em conhecimentos, inovação e desenvolvimento tecnológico têm evidenciado que o ciclo do petróleo poderá se alongar ainda por muitos mais anos, não havendo, no entanto, como precisar até quando.

Embora conhecido desde a antiguidade, o petróleo surge como parte da matriz produtiva em escala só a partir de meados do século XIX. Acabou se transformando no recurso mais cobiçado e atrativo do século XX – o ouro negro – o século da segunda Revolução Industrial, cujo símbolo mais notório foi a “máquina” chamada automóvel.

Enriqueceu países, empresas e pessoas; alimentou avanços tecnológicos; transformou o mundo. Mas, em contrapartida foi também objeto e razão de desavenças e conflitos, muitos dos quais enveredaram para guerras, como as que aconteceram no Oriente Médio, e que ainda perduram.

O primeiro choque do petróleo, que aconteceu em 1973, com os preços sendo elevados em 400%, sucedendo uma verdadeira “planície” de tranquilidade desde a Segunda Grande Guerra, foi o primeiro sinal de que havia chegado, finalmente, o tempo da escassez. Tudo bem que se tratava de uma escassez

provocada pelo exercício do poder de mercado pelo lado da oferta, dominada na ocasião pela Opep – Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Mas, serviu para chamar a atenção para a possibilidade de em algum momento no futuro não se poder contar, com segurança, do volume necessário para atender à demanda global.

Do primeiro choque até o momento presente sucederam-se outros, como o de 1979, provocado pela revolução islâmica no Irã. Todos eles tiveram como motivação a luta pelo domínio e garantia de fontes de suprimento, o último dos quais foi o da guerra do Iraque, provocada pelos EUA. Para quem acredita que a tendência é de redução da capacidade de oferta no futuro próximo, certamente estará projetando dias piores à frente: preços ainda mais altos de petróleo. Porém, não é bem nessa direção que os últimos acontecimentos apontam. Observam-se evidências claras de crescimento acele-

–
E a novidade agora é o xisto, que há quem interprete como o deflagrador de uma nova revolução

rado, pelo histórico mais recente, da capacidade de oferta, com tendência a provocar uma verdadeira revolução no campo da geopolítica da energia no mundo.

E o grande “player” nessa história volta a ser os Estados Unidos, reproduzindo em parte a revolução provocada pela descoberta de petróleo em seus domínios na metade do século XIX, e que os ajudou a projetar a economia daquele país para o mundo, alçando-a a potência mundial. E a novidade agora é o xisto, que há quem interprete como o deflagrador de uma nova revolução, com potencial para provocar impactos globais.

Num estudo de junho de 2012, da Harvard Kennedy School, no “The Geopolitics of Energy”, intitulado “Oil: The Next Revolution”, o pesquisador Leonardo Maugeri mostra o xisto, um tipo de pedra que contém alto teor de hidrocarboneto, disponível em grande escala nos Estados Unidos, mas que era antes inviável por conta do custo de produção ser incompatível com os preços do petróleo praticados pelo mercado, como a grande “vedete” do momento.

Seu uso para produção de gás e petróleo muda o perfil da oferta de energia nos EUA e poderá favorecer e também agilizar o processo de saída da crise econômica que ainda persiste. Uma ótima notícia para Obama e para o mundo.